



Qualidade no ensino, pesquisa e assistência requer investimento

Com 62 anos dedicados à formação profissional em saúde, atuando de forma protagonista em pesquisa, desenvolvimento tecnológico, formulação de políticas públicas e prestação de serviços de referência em saúde, a Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca preza pela excelência do ensino e assistência à saúde de seus usuários. No entanto, quando o assunto é o orçamento para assegurar a qualidade dos laboratórios, ambulatórios, salas de aula e equipamentos, o investimento vai na contramão das necessidades. A situação já repercute no âmbito da formação e da assistência, com falta de manutenção de instrumentos que interferem na estrutura e logística das atividades da Ensp, conforme admitem pesquisadores.

Em uma instituição pública federal como a Fundação Oswaldo Cruz, as despesas de capital relacionam-se com a aquisição/modificação do patrimônio público. Trata-se da aplicação de recursos em bens/serviços que resultarão na expansão ou, ao menos, transformação do patrimônio estatal.

Um breve levantamento do histórico de repasses da receita de capital, relacionado às despesas com equipamentos e materiais permanentes, expõe decréscimo na distribuição desse

montante nos últimos quatro anos. Em 2012, os recursos remetidos à Ensp para investimento foram de R\$ 2,4 milhões; reduzindo para 1,8 milhão em 2013; 1,7 milhão em 2014; e chegando a 656 mil em 2015. Até setembro deste ano, a verba destinada à Escola está na ordem dos 130 mil reais.

A despeito do contingenciamento de recursos do governo federal, a precarização das salas de aula, somada à ausência de computadores ou à falta de manutenção de equipamentos diversos configura, mesmo que de forma despercebida, a precarização do trabalho. Kátia Reis, chefe do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Ensp, alerta para a possível naturalização desse processo e cobra atenção dos trabalhadores da instituição.

“Não podemos olhar para o que está acontecendo pontualmente. Essa leitura deve ser feita dentro de um contexto, pois a precarização não ocorre somente na Fiocruz. Todavia, devemos estar atentos às formas como ela se apresenta. Acabamos naturalizando o sucateamento. Você administra o precário sem ter previsão de melhora”, reconhece.

A Direção da Escola, com base na resolução do seu Conselho Deliberati-

vo, instituiu comissão para discutir o orçamento e apontar as demandas emergenciais à Presidência da Fundação. Um dos questionamentos toca no papel do CD Fiocruz quanto à aprovação e transferência dos recursos de investimento para as demais unidades da Fundação, já que, segundo o Regimento Interno, cabe ao Conselho dispor sobre “a programação de atividades e a proposta orçamentária anual estabelecida no Plano de Objetivos e Metas da Instituição”. “Quando se fala de orçamento na Fiocruz, engloba-se custeio e capital, mas percebemos que o repasse do orçamento de capital não vem sendo submetido à aprovação do Conselho Deliberativo Fiocruz, e sim a partir da gestão direta da Presidência. Hoje, o mínimo de investimento necessário para que a Escola não entre em situação crítica está na casa de R\$ 1 milhão”, explicou Alex Molinaro, vice-diretor de Desenvolvimento Institucional e Gestão da Ensp.

“Hoje, o mínimo de investimento necessário para que a Escola não entre em situação crítica está na casa de R\$ 1 milhão”

(Alex Molinaro, vice-diretor de Desenvolvimento Institucional e Gestão da Ensp).

Expectativa para os próximos quatro anos

A Fundação Oswaldo Cruz está prestes a inaugurar uma nova fase, no âmbito da gestão, para o período 2017-2020. Com o advento dessa etapa, a próxima Presidência da Fiocruz deve assegurar a qualidade e excelência que a configuram como instituição de maior destaque no campo da ciência e tecnologia em Saúde da América Latina. A Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca é parte fundamental desse processo.

Entretanto, manter-se como referência gera custo. No decorrer dos últimos anos, a ENSP vem enfrentando a experiência de um desfinanciamento contínuo para assegurar a qualidade dos laboratórios, ambulatórios, salas de aula e equipamentos diversos, e nossos professores, pesquisadores, alunos, usuários dos serviços de saúde e colaboradores já sentem essa ausência.

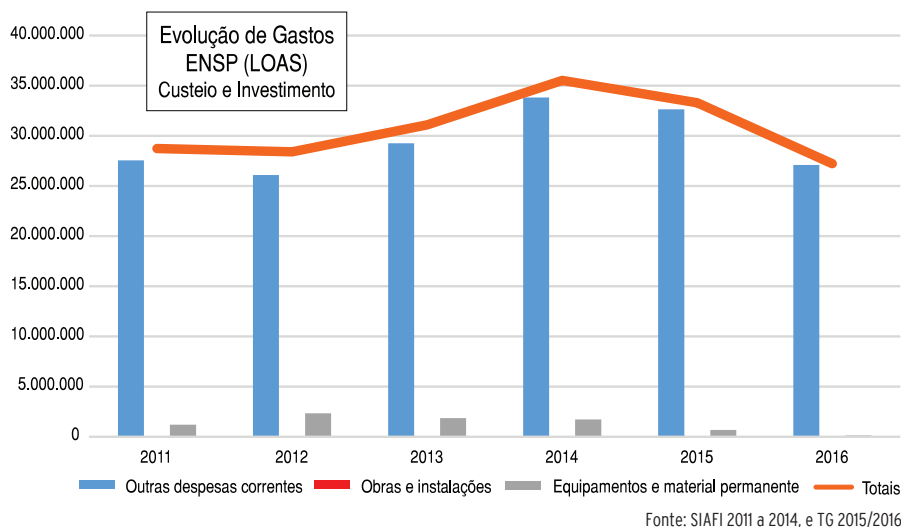
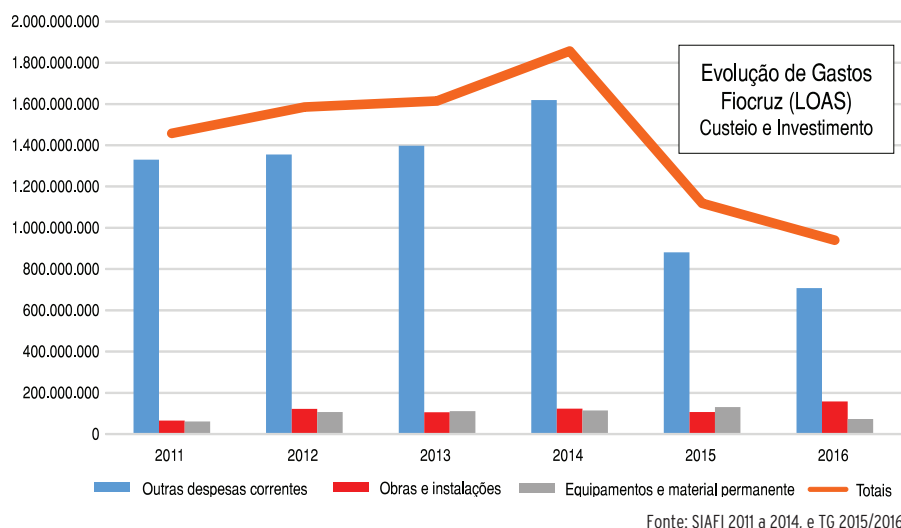
Com base nessa precarização, pautamos a atual edição do Informe. Em depoimentos de diversos professores e colaboradores, expomos a real situação da instituição, sempre na expectativa que a próxima gestão da Presidência da Fiocruz assuma o compromisso de revitalizar e modernizar a Escola, de acordo com as melhores práticas pedagógicas, tecnológicas e estruturais que uma instituição de ponta requer.

Boa leitura!

Hermano Castro
Diretor da ENSP

A Direção da Ensp enfatiza a gravidade da situação. Conforme ressalta Hermano Castro, a Escola tem agido com responsabilidade no que se refere ao ajuste de despesas, mas a distribuição dos recursos deve ser homogênea. “O orçamento de capital e de investimento devem ser discutidos antecipadamente no ano anterior, a fim de que sejam incluídos na Lei Orçamentária Anual (LOA). Esse debate deve ocorrer em todas as instâncias da Fiocruz

para que nenhuma unidade seja penalizada. Os gráficos mostram que, apesar da expansão no investimento de obras, compras e equipamentos na Fiocruz, tal recurso não foi revertido para determinadas unidades como a Ensp. Uma instituição que não atualiza seu patrimônio de bens de capital fica sucateada. Trabalhamos na otimização de contratos e na eliminação de desperdícios de recursos e gastos, mas dependemos do repasse dessas verbas”.



Evolução de Gastos Fiocruz x ENSP (investimento)

	Equipamentos e Material Permanente		
	FIOCRUZ	ENSP	%
2011	60.808.603,00	1.186.664,00	1,95
2012	107.551.234,00	2.317.571,00	2,15
2013	111.750.706,00	1.846.333,00	1,65
2014	114.235.355,00	1.716.796,00	1,50
2015	131.114.733,00	656.647,00	0,50
2016 (out)	73.653.162,00	136.000,00	0,18

Fonte: SIAFI 2011 a 2014, e TG 2015/2016

CHARGE





O impacto do orçamento na excelência da Escola

“É preciso investimento continuado para manter a qualidade dos serviços, mas os repasses à Escola não vêm seguindo essa lógica. Consequentemente, todas as atividades são impactadas”, ponderou o vice-diretor de Ambulatórios e Laboratórios, Marco Menezes. Segundo ele, as áreas de Assistência e Laboratórios necessitam de atualização e modernização constantes, principalmente em razão do Certificado de Qualidade Internacional a que estão submetidos. A Acreditação é uma avaliação externa, cujo objetivo é criar e manter uma cultura de segurança na instituição, elevando, portanto, seu nível máximo de qualidade nos serviços prestados à população.

“O Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (Cesteh) e o Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF) já obtiveram o Certificado de Acreditação. Todavia, se não houver o empenho em manter tal padrão de excelência nos serviços, de nada terá adiantado nosso esforço. É preciso estar em

dia com todas as especificidades exigidas a fim de assegurar a qualidade. No Centro de Referência Professor Hélio Fraga (CRPHF), a situação é diferente, porém, mais grave. Ao final deste ano, será realizada a avaliação, e ainda há uma série de pendências que exigem recursos. É importante lembrar que tudo isso funciona como uma cadeia, que impactará também o paciente que está na ponta”, lamentou Marco Menezes.

A precarização dos laboratórios da Ensp

No âmbito dos laboratórios, a situação não é distinta. O Departamento de Ciências Biológicas (DCB) e o Departamento de Saneamento e Saúde Ambiental (DSSA) ocupam, desde 2002, o antigo prédio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Segundo o chefe do DCB, Carlos Eduardo Gault, o local não é adequado para comportar uma estrutura laboratorial.

“Há quase quinze anos, esse é nosso local de trabalho, o que representa metade da vida profissional de muitos

colaboradores. O prejuízo causado a eles é irreversível. Apesar de realizadas algumas ações pontuais na estrutura do prédio, nos últimos anos, ele entrou em colapso total. Já houve princípio de incêndio em três diferentes áreas, incluindo um laboratório, além de problemas nos equipamentos, banheiros, energia, internet e até relacionado à chuva, com acúmulo de água em alguns locais. Para sanar isso, só existe uma solução: investimento”, apontou Gault.

Ainda segundo ele, por conta das dificuldades estruturais encontradas no prédio que aloca os laboratórios, está sendo realizada uma ação mais próxima à Presidência da Fiocruz mediante a criação de uma comissão. Para tanto, estudos estão em fase de elaboração com o propósito de minimizar os danos. “Não resolveremos os problemas, mas a ideia é reduzi-los, visto que a possibilidade de investimento no novo Polo Laboratorial da Ensp está cada vez mais distante, tendo em vista o cenário do país. É preciso reparar, de

alguma forma, o prejuízo aos trabalhadores do DCB e DSSA propiciando condições mínimas de trabalho para conduzir as pesquisas desta instituição”, justificou Carlos Eduardo.

Na mesma situação estão os laboratórios do DSSA. Clementina Feltmann, chefe do departamento, considera o problema estrutural. Grande limitação enfrentada nos últimos anos diz respeito à certificação dos laboratórios, que, em virtude da estrutura precária, torna-se cada vez mais difícil. “Temos profissionais extremamente qualificados – especialistas, mestres e doutores. Ficamos, porém, sempre estagnados na questão estrutural”, lamentou. O chefe substituto do DSSA, Vinicius Santos Soares, completa: “o orçamento é um problema na Fiocruz em sua totalidade. Apesar da gestão participativa, há um Conselho Deliberativo, e não existe o acompanhamento entre o que se decide e o que se faz efetivamente. Precisamos saber se todo o planejamento é, de fato, executado da forma como foi elaborado; e se não foi, o porquê disso”, advertiu Vinicius.

Na opinião da coordenadora dos laboratórios do DSSA, Letícia Alves da Silva, a infraestrutura precária e a obsolescência dos equipamentos são as questões de maior impacto no departamento. Problemas com uma

máquina obsoleta, não mais compatível com manutenções, prejudicaram uma pesquisa em desenvolvimento e deixaram cerca de 300 amostras paralisadas. Além disso, a precariedade dos instrumentos impede que alunos desenvolvam pesquisas por determinadas linhas, que, necessariamente, utilizam equipamentos de alta complexidade. “Há, também, máquinas muito sensíveis que não podem ser usadas, por exemplo, devido à falta de uma linha elétrica estabilizada. Todas essas questões impactam diretamente o trabalho desenvolvido pelo DSSA”, ressaltou Letícia.

No âmbito da biossegurança, muitos são os desafios. Letícia mencionou o fato de a Central de Esterilização e Descontaminação da Ensp – onde é executada a descontaminação de matérias de laboratório – não estar em funcionamento pelas inadequações das instalações elétricas, embora possua profissionais capacitados para tal. Desde o início deste ano, os laboratórios do DCB, DSSA, Cesteh e Centro de Saúde estão utilizando a Central de Esterilização e Descontaminação de Farmanguinhos, o que obviamente sobrecarrega a unidade, que, de forma solidária, colabora com a Ensp.

“A lógica da Central de Esterilização já está finalizada, com profissionais ca-

pacitados; porém, por causa da falta de investimento, não é possível trabalhar. Tudo isso demonstra como a questão orçamentária impacta direto na Escola, em suas atividades e, consequentemente, em sua qualidade”, conclui o vice-diretor de Ambulatórios e Laboratórios, Marco Menezes. Recentemente, conforme lembrou, o Centro de Saúde foi obrigado a liberar diversos usuários em função da impossibilidade de coletar sangue por problemas estruturais.

Kátia Reis reforça o fato de que, mesmo diante de situações adversas, é necessário estimular o debate, tecer críticas, discutir coletivamente, pois a conjuntura atual já repercute na instituição. “A Fiocruz deve oferecer as condições ideais de trabalho para seus funcionários e os convidados que recebe. Sentimo-nos constrangidos na presença de um professor visitante ou até mesmo dos alunos quando um equipamento não funciona da maneira adequada. A Presidência da Fiocruz tem sido receptiva atendendo nossas solicitações de reuniões. No entanto, sempre temos que promover o debate crítico.

EXPEDIENTE

Presidente da Fiocruz
Paulo Gadelha

Diretor da ENSP
Hermano Castro

Coordenação da CCI
Rita Mattos

Redação e reportagem
Filipe Leonel

Isabela Schincariol

Luciene Paes

Pedro Leal David

Tatiane Vargas

Projeto gráfico e diagramação
Carlos Fernando Reis

Revisão
Ana Lucia Normando

Impressão
MR Artes Gráficas Ltda – Tel.: (21)7821-6265

Tiragem
1 mil exemplares

Contato
informe@ensp.fiocruz.br

